

Ecossistemas antropofágicos (com delay digital)

Artigo publicado na Revista Facta - Revista de Gambiologia, 2007.

“Desconfiar do estalo / antes de utilizá-lo
Mas se for impossível / de todo abolí-lo
Desconfiar do estalo / e transformar / o estalo em estilo”
Carlito Azevedo

Em um artigo publicado no Caderno Videobrasil 2, Ricardo Rosas afirma que a gambiarra é “usada para definir uma solução rápida e feita de acordo com as possibilidades à mão”, o que tem “um sentido cultural muito forte, especialmente no Brasil”. Nos anos 2000, aconteceram vários festivais e publicações, e surgiram obras de artistas que reiteram a percepção de Rosas, um dos principais críticos de cultura digital brasileiros — além de midiativista atuante, que infelizmente faleceu de forma prematura. De Jarbas Lopes a Fred Paulino, passando pelos coletivos Re:combo e Metareciclagem, ou nomes como pan&tone e Paulo Nenflídio, uma parte significativa da produção que inaugura o século XXI explora o improviso transformado em estilo.

Mas seria um engano considerar este “sentido cultural” que destaca-se no Brasil como algo particular do país. Em âmbito internacional, práticas como o DIY, a eletrônica de garagem, o circuit bending e o hacking exploram a reutilização, a reconfiguração, o deslocamento e a resignificação como ponto-de-partida para reinventar a relação entre linguagens e tecnologias. Neste contexto, o remix e a gambiarra são algumas das formas com que o mundo contemporâneo busca equalizar os exageros de um capitalismo fora do controle, num momento de reconfiguração intensa da geopolítica internacional.

76 anos depois que Oswald de Andrade leu, na casa de Mario de Andrade, para seus colegas de modernismo, o Manifesto Antropófago — publicado naquele mesmo ano de 1928 na Revista de Antropofagia — um acontecimento disperso propõe atualizar suas ideias num Brasil que passava das reminiscências da ditadura militar à eleição de Lula para a presidência.

Em 2004, o Digitofagia propôs discutir estas gambiarras digitais num formato de compartilhamento entre pares e sem hierarquia, que reuniu (algo mais raro do que deveria ser) intelectuais, ativistas, participantes de movimentos sociais, artistas, críticos, gestores, etc. Idealizado e organizado por Ricardo Rosas, Giseli Vasconcelos, Lucas Bambozzi, Pixel, Ricardo Ruiz, Sandra Terumi e Tatiana Wells, e articulado a partir de uma rede de discussão que gerou um livro eletrônico durante o processo (o Digitofagia Cookbook), foi um momento de síntese e prospecção: ao mesmo tempo que agrupou uma série de discussões sobre a relação entre cultura digital, arte, política e antropofagia (desdobrando um foco de debates que, desde o Midia Tática Brasil, em 2003, se organizava em eixos de discussão cada vez mais estruturados), estabeleceu um ponto-de-partida para encontros como os vários Submidialogia, e exposições como Gambiologia.

Não cabe eleger fatos ou obras marcantes deste período em que os desejos comuns espalham-se por espaços públicos cada vez mais escassos, e os debates acirrados servem como uma espécie de prelúdio à polarização de um mundo em

Ecoss antropofágicos (com delay digital). Artigo publicado na Revista Facta - Revista de Gambiologia, 2007.

que Primavera Árabe e movimentos Occupy dividem a arena com o fantasma de SOPAs, PIPAs e afins. Os ecos da antropofagia na cultura digital reverberam como afetos de micropolítica, num registro em que grupos e posturas importam mais do que tais ou quais partes (e que os acontecimentos e interrupções surgem como formas de ressignificar o fluxo espesso da rotina, um pouco como em Maio de 68, mas de forma difusa, e desinvestida de discursos centralizadores).

Se fosse possível contar a história contemporânea em pílulas, certamente “menos é mais” e “não confie em ninguém com mais de 30” definiriam momentos chave. Talvez, diante da superexposição cotidiana e da batalha por visibilidade numa rede em que não se mede qualidade ou credibilidade (mas o número de seguidores), caiba remixá-los como um slogan síntese para o século XXI: se menos é mais, não confie em ninguém com mais de 30 amigos no Facebook.

Não por acaso, ao final de uma década de devoração, o anonimato tornou-se uma bandeira e um diferencial em meio à saturação de perfis, conexões e cutucadas. Ponto arbitrário de uma trajetória que só é possível entender coletivamente, navegando pelas páginas que registram os vários e múltiplos lances de devoração espalhados pela Internet (para isso, vale conferir sites como Mídia Tática Brasil, Digitofagia, Centro de Mídia Independente, Baixa Cultura.org e Gambiologia.net, entre outros). Seria paradoxal, neste contexto, resgatar um momento tão marcante quanto pouco lembrado desta trama que envolve antropofagia e tecnologia (ou, jogar nele alguns holofotes resultaria em desastrada anti-homenagem, que toma como parâmetro as mesmas regras de visibilidade que levaram ao formato do anonimato como crítica do contemporâneo)?

Em 21 de Agosto de 2003, é lançado o LURC. A Licença de Uso Completo do Re:combo propõe um documento que “tem como objetivo criar uma base de trabalho liberal que seja coerente com a nossa ideia de Generosidade Intelectual, em detrimento à Propriedade Intelectual”, remetendo a um “tempo em que a música era tocada apenas por prazer, e a sua criação, até então, era coletiva, fosse nas aldeias européias do século XVI ou nas ocas cerimoniais do Brasil pré-1500”. Uma versão dos debates sobre direitos autorais em sintonia evidente com o matriarcado de pindorama, de bárbaros tecnizados, oswaldiano.

Não fazem 10 anos que os corredores do MIS abrigaram alguns dos debates mais marcantes sobre os elos entre passado, presente e futuro de um Brasil marcado pela lógica da devoração antropofágica, em que “só me interessa o que não é meu”. Mas qual o sentido deste interesse pelo “que não é meu”, em um país que critica (de forma legítima, consistente e necessária) a retirada do Creative Commons de um site de Ministério, mas não discute porque uma licença semelhante e contemporânea, inventada no nordeste do país, raramente é lembrada, nas histórias recentes sobre a cultura digital pontobr? No Brasil 2.0, de pré-sal e prosperidade anunciada, é preciso pensar como seria a antropofagia 2.0. Tupi or not tupi ainda é uma questão.

PS. Vale apontar um elemento significativo para pensar a relação com o outro, marcante no Brasil tanto sob o signo da Antropofagia quanto no Nacional por Subtração de Roberto Schwartz: a fase antropofágica de Oswald de Andrade surge em suas viagens a Europa, quando conhece a revista Canibale, editada por Francis Picabia num momento em que as vanguardas artísticas exploravam o primitivo e o estrangeiro como formas de buscar discursos diferentes da linguagem européia predominante.